

QUEM É ESSA MENINA?

Andressa Cristina Zanotti Pancieri

O Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) "Robson José Nassur Peixoto" está localizado na Escadaria Ilma de Deus, no Bairro Forte São João, na cidade de Vitória, Espírito Santo e atende alunos de seis meses a seis anos que residem na parte alta do bairro e não atende crianças de outras localidades.

Figura 1: Centro Municipal de Educação Infantil Robson José Nassur Peixoto



Fonte: www.vitoria.es.gov.br

As crianças são em sua maioria negras e a escola é o único equipamento público que a comunidade possui. Por estar localizado em um morro, o acesso é difícil, sendo as escadarias e vielas o único meio de chegar até ela. É uma comunidade dominada pelo tráfico de drogas e pela violência. Os serviços oferecidos pelos órgãos públicos tornam-se difíceis e acabam sendo ineficazes como, por exemplo, a coleta de lixo, que é feita em tonéis adaptados sobre pedaços de madeira.

No ano de 2018 o CMEI traz como tema de seu projeto institucional "Eu e o meio onde vivo: exercendo a cidadania e respeitando as diferenças". Como eixo desse projeto trabalhamos, durante as aulas de Artes, o projeto "Alma Brasileira" que enfatiza a origem do povo brasileiro a partir da miscigenação de raças.

O desenvolvimento do projeto "QUEM É ESSA MENINA?" se justifica em algumas atitudes que notávamos no dia a dia da escola, tais como: o Cmei possui bonecas negras e brancas

e as meninas têm uma resistência em brincar com as bonecas negras, vale ressaltar que as bonecas negras e brancas ficavam em prateleiras separadas. Outro fato é o hábito que as meninas do Grupo VI tinham de usar suas blusas de frio com capuz para imitar um cabelo longo e liso (como elas mesmas descreviam).

Desse modo, traçamos os seguintes objetivos: retratar por meio da arte a forma como as estudantes se reconhecem; compreender por meio da arte as diferenças do povo brasileiro e o reflexo de sua miscigenação; reconhecer e consolidar sua identidade e pertencimento racial.

DESENVOLVIMENTO

A partir da temática do projeto, usamos como ponto de partida a obra "Operários", da artista Tarsila do Amaral.

Essa obra foi pintada no contexto da industrialização e a escolhemos, pois ela traduz esse contexto da miscigenação que pretendíamos retratar no desenvolvimento das atividades.

Figura 2: AMARAL, Tarsila. Operários. Retrato. Palácio Boa Vista. Dimensões 150 x 205



Fonte: Tarsila do Amaral, 1933.

Guardadas as devidas distinções no contexto histórico, partimos da imagem que traz uma imensa variedade racial para trabalhar as diferenças. O trabalho foi realizado com todas as turmas que são contempladas com a aula de artes, que acontecem somente no turno vespertino.

Figura 3: Crianças do Forte - Autorretrato coletivo



Fonte: Arquivo da autora, 2018

A partir da obra, apresentamos para os alunos a imagem e pedimos para que eles relatassem oralmente as impressões que tiveram. Notamos que os alunos perceberam a variedade racial das pessoas presentes na imagem.

Durante a fala dos alunos, fazíamos intervenções para eles identificarem as diferenças das pessoas retratadas na obra, principalmente por meio das questões relacionadas à cor da pele e a raça.

Figura 4 e 5: Crianças observam a obra Operários e identificam as diferenças



Fonte: Arquivo da autora, 2018

Figura 6: Crianças observam a Obra Operários



Fonte: Arquivo da autora, 2018

Na sequência do projeto, oferecemos a cada aluno a imagem de um busto, sem rosto, cor de pele e cabelos, com o objetivo deles preencherem com a representação de como se viam. Disponibilizamos, ainda, tintas para pintura da pele, cabelos, roupa e face, e orientamos, também, a possibilidade de criação de novas cores que não existiam ali, por meio da mistura das tintas.

Durante o desenvolvimento das atividades, foi possível perceber algumas questões inquietantes nas alunas do Grupo VI que são, em sua maioria, afrodescendentes, com pele negra, cabelos crespos e/ou cacheados. As alunas, ao se retratarem, tinham a pele bem mais clara e, principalmente, os cabelos lisos e longos. Duas chegaram a cogitar se retratar de olhos azuis, mesmo tendo os olhos pretos ou castanhos. Ao finalizarem os autorretratos, questionamos a cada uma: “essa menina é você?”, e algumas responderam, prontamente, que não. Continuamos as questionando: “quem é essa menina?” e fazíamos a intervenção dialogando com elas, uma a uma, sobre suas características que diferiam do que estava retratado. Reforçamos que as aulas de artes não foram direcionadas apenas para as meninas. Todos os alunos foram envolvidos em todas as etapas, tendo acesso às intervenções e questionamentos feitos pela professora.

Levamos livros infantis pertinentes ao tema que trazem em seu conteúdo o protagonismo negro. Entre eles destacamos: “O cabelo de Lelê”, que conta a história da menina que não gostava dos seus cachinhos, mas descobre toda a beleza da sua herança africana; “O que há de África em nós”, os viajantes nos contam sobre a presença africana no Brasil; “Meu crespo é de Rainha”, que enaltece e exalta a beleza dos penteados e texturas do cabelo afro; “Lápis cor de pele”, traz a história de Ana que descobre que o mais legal são nossas diferenças; “As tranças de Bintou”, trata sobre a história e cultura do povo africano; “Meninas Negras”, conta os sonhos, brincadeiras de Mariana, Dandara, Luanda; e “A cor de Coraline”, que nos mostra a beleza que há na diversidade.

Figura 7: Livros usados durante as aulas



Fonte: Arquivo da autora, 2018

Ainda nessa perspectiva, nas aulas posteriores, iniciamos atividades com as bonecas disponíveis na escola.

Essas bonecas ficavam separadas em prateleiras diferentes, de acordo com suas cores.

Figura 8: Disposição das bonecas nas prateleiras



Fonte: Arquivo da autora, 2018

Percebemos que as bonecas “brancas” estavam desgastadas, demonstrando o uso frequente nas brincadeiras, enquanto as bonecas “pretas” estavam bem conservadas e quase nunca eram usadas.

Figura 9: Bonecas disponíveis na escola



Fonte: Arquivo da autora, 2018

Propomos que as meninas manipulassem as bonecas, cuidando delas como se estivessem cuidando de si. Levamos adereços, creme e pente para que as alunas pudessem se apropriar daquele brinquedo e se reconhecer naquilo que mais gostam de fazer: brincar.

Figuras 10 e 11: Cuidando das bonecas



Fonte: Arquivo da autora, 2018

Figuras 12: Cuidando das bonecas



Fonte: Arquivo da autora, 2018

Figura 13: Ação espontânea das alunas de cuidar uma das outras após o cuidado com as bonecas



Fonte: Arquivo da autora, 2018

Figura 14 e 15: Bonecas prontas - penteados prontos



Fonte: Arquivo da autora, 2018

Figura 16 e 17: Bonecas prontas- penteados prontos



Fonte: Arquivo da autora, 2018

Identificando a necessidade de aprofundar a discussão, produzimos, com o auxílio dos alunos um espelho e novamente oferecemos a cada aluno a imagem de um busto, agora numa escala maior. Antes de produzirem cada autorretrato, as crianças se olhavam no espelho e mediávamos esse encontro, lançando questões para elas perceberem suas características

Figura 18: Aluna se observa no espelho confeccionado pela turma



Fonte: Arquivo da autora, 2018

Figura 19 e 20: Alunas se reconhecem no espelho antes do autorretrato



Fonte: Arquivo da autora, 2018

Figura 21: Produção dos autorretratos



Fonte: Arquivo da autora, 2018

Figura 22 e 23: Alegria de se reconhecer no espelho



Fonte: Arquivo da autora, 2018

Figura: 24 e 25: Alegria de se reconhecer no espelho



Fonte: Arquivo da autora, 2018

Observamos que as meninas, que antes se retratavam com características diferentes das que tinham, sempre se aproximando das características do povo europeu, passaram a se reconhecer naquela imagem e se retrataram como elas se viam no espelho.

Figura 27: Autorretratos antes e depois do projeto “Quem é essa Menina?”



Fonte: Arquivo da autora, 2018

O objetivo inicial no desenvolvimento deste projeto de retratar, por meio da arte, o reconhecimento da identidade das crianças, a partir da compreensão das diferenças do povo brasileiro e sua miscigenação, foi alcançado.

Com o desdobramento das atividades, notamos a importância de aprofundar o trabalho e explorar o reconhecimento e consolidação da identidade e pertencimento racial das crianças. Isso só foi possível, pois abrimos espaço para ouvi-las e compreender suas percepções sobre o mundo, a partir dos seus pontos de vista, refletindo, com elas, sobre as concepções impostas pelos adultos e pela sociedade como um todo.

Aprender com as crianças pode ajudar a compreender o valor da imaginação, da arte, da dimensão lúdica, da poesia, de pensar adiante. Entender que as crianças têm um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, que subverte o sentido de uma história, que muda a direção de certas situações, exige que possamos conhecer nossas crianças, o que fazem, de que brincam, como inventam, de que falam. [...] há que aprender com a criança a olhar e virar pelo avesso, a subverter, a tocar o tambor no ritmo contrário ao da banda militar, de maneira que as pessoas, em vez de gritar, obedecer ou marchar, comecem a bailar (KRAMER, 2011, p. 117).

Assim, por meio da escuta, foi possível avançarmos nas intervenções e refletir a partir das percepções que as alunas tinham sobre elas mesmas, “revirando pelo avesso a ordem das coisas”, como destaca Kramer (2011) e subvertendo, por meio de reflexões críticas, o lugar que elas ocupam dentro de si, na escola, no bairro, na cidade e no mundo

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra; FRAGA, Walter. Ilustrações de Pablo Mayer. **O que há de África em nós**. São Paulo: Editora Moderna, 2013.

AMARAL, T. Operários.. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1635/operarios>>. Acesso em: 26 de Ago. 2018.

ARAÚJO, P. **Tem muitas histórias do Brasil nas telas de Tarsila do Amaral**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1063/tem-muitas-historias-do-brasil-nas-telas-de-tarsila-do-amaral>>. Acesso em: 26 de Ago. 2018.

COSTA, Madu. Ilustrações de Rubem Filho. **Meninas negras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

BELÉM, Valéria. Ilustrações de Adriana Mendonça. **O cabelo de Lelé**. 1. ed. São Paulo: Editora IBEP, 2007.

DE BRITO, Daniela. Ilustrações de Polly Duarte. **Lápis cor de pele**. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

DIOUF, Sylviane A. Ilustrações de Shane W. Evans. **As tranças de Bintou**. 1. ed. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2004.

HERKENHOFF, J. B. **Abc da cidadania**. 3. ed. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos, 2007.

HOOKS, Bell. Ilustrações de Chris Raschka. **Meu crespo é de rainha**. São Paulo: Editora Boitató, 2018.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. **Infância, educação e direitos humanos**. 4. ed. São Paulo, Cortez, 2011. p. 93-151.

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.

VITÓRIA. **Coletânea de legislação sobre direitos humanos**/ Coord. e Org. Felipe Arady Miranda, Marcelo Nolasco de Abreu. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 2014.